

MILAN KUNDERA

*A INSUSTENTÁVEL  
LEVEZA DO SER*

Tradução

TERESA BULHÕES CARVALHO DA FONSECA



Copyright © 1984 by Milan Kundera, L'Insoutenable Légèreté de l'Être Proibida toda e qualquer adaptação da obra.

*Tradução autorizada pelo autor, com base na versão francesa de François Kérel.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Nesnesitelná Lehkost Bytí

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Imagen de capa*

Dominique Corbasson/ [www.kokoartagency.com](http://www.kokoartagency.com)

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Fernando Nuno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Kundera, Milan

A insustentável leveza do ser / Milan Kundera; tradução  
Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo:  
Companhia das Letras, 2017.

Titulo original: Nesnesitelná Lehkost Bytí.

ISBN 978-85-359-2883-9 (capa dura)

1. Romance tcheco I. Título.

---

17-01651

CDD-891.863

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura tcheca

891.863

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/ciadasletras](http://twitter.com/ciadasletras)

## *Sumário*

PRIMEIRA PARTE: A leveza e o peso .....	7
SEGUNDA PARTE: A alma e o corpo .....	45
TERCEIRA PARTE: As palavras incompreendidas ..	87
QUARTA PARTE: A alma e o corpo .....	141
QUINTA PARTE: A leveza e o peso.....	185
SEXTA PARTE: A Grande Marcha .....	259
SÉTIMA PARTE: O sorriso de Kariênin .....	297
Sobre o autor .....	337

PRIMEIRA PARTE  
*A leveza e o peso*

# I

O eterno retorno é uma ideia misteriosa e, com ela, Nietzsche pôs muitos filósofos em dificuldade: pensar que um dia tudo vai se repetir como foi vivido e que tal repetição ainda vai se repetir indefinidamente! O que significa esse mito insensato?

O mito do eterno retorno afirma, por negação, que a vida que desaparece de uma vez por todas, que não volta mais, é semelhante a uma sombra, não tem peso, está morta por antecipação, e por mais atroz, mais bela, mais esplêndida que seja, essa atrocidade, essa beleza, esse esplendor não têm o menor sentido. Essa vida é tão importante quanto uma guerra entre dois reinos africanos do século XIV, que não alterou em nada a face do mundo, embora trezentos mil negros tenham encontrado nela a morte depois de suplícios indescritíveis.

Será que essa guerra entre dois reinos africanos do

século XIV se modifica pelo fato de se repetir um número incalculável de vezes no eterno retorno?

Sim: ela se tornará um bloco que se forma e perdura, e sua brutalidade não terá remissão.

Se a Revolução Francesa devesse se repetir eternamente, a historiografia francesa se mostraria menos orgulhosa de Robespierre. Mas como ela trata de algo que não voltará, os anos sangrentos não passam de palavras, teorias, discussões, são mais leves que uma pluma, já não provocam medo. Existe uma diferença infinita entre um Robespierre que apareceu uma só vez na história e um Robespierre que voltaria eternamente para cortar a cabeça dos franceses.

Digamos, portanto, que a ideia do eterno retorno designa uma perspectiva em que as coisas não parecem ser como nós as conhecemos: elas aparecem para nós sem a circunstância atenuante de sua fugacidade. Com efeito, essa circunstância atenuante nos impede de pronunciar qualquer veredito. Como condenar o que é efêmero? As nuvens alaranjadas do crepúsculo douram todas as coisas com o encanto da nostalgia; até mesmo a guilhotina.

Não faz muito tempo, surpreendi-me experimentando uma sensação incrível: folheando um livro sobre Hitler, fiquei emocionado com algumas fotos dele; lembravam-me o tempo de minha infância; eu a vivi durante a guerra; diversos membros de minha família foram mortos nos campos de concentração nazistas; mas o que era a sua morte diante dessa fotografia de Hitler que me lembrava um tempo passado da minha vida, um tempo que não voltaria mais?

Essa reconciliação com Hitler trai a profunda perversão moral inerente a um mundo fundado essencial-

mente sobre a inexistência do retorno, pois nesse mundo tudo é perdoado por antecipação e tudo é, portanto, cincicamente permitido.

## 2

Se cada segundo de nossa vida deve se repetir um número infinito de vezes, estamos pregados na eternidade como Cristo na cruz. Essa ideia é atroz. No mundo do eterno retorno, cada gesto carrega o peso de uma responsabilidade insustentável. É isso que levava Nietzsche a dizer que a ideia do eterno retorno é o mais pesado dos fardos (*das schwerste Gewicht*).

Mas será mesmo atroz o peso e bela a leveza?

O mais pesado dos fardos nos esmaga, verga-nos, comprime-nos contra o chão. Na poesia amorosa de todos os séculos, porém, a mulher deseja receber o fardo do corpo masculino. O mais pesado dos fardos é, portanto, ao mesmo tempo a imagem da realização vital mais intensa. Quanto mais pesado é o fardo, mais próxima da terra está nossa vida, e mais real e verdadeira ela é.

Em compensação, a ausência total de fardo leva o ser humano a se tornar mais leve do que o ar, leva-o a voar, a se distanciar da terra, do ser terrestre, a se tornar semirreal, e leva seus movimentos a ser tão livres como insignificantes.

O que escolher, então? O peso ou a leveza?

Foi a pergunta que Parmênides fez a si mesmo no século VI antes de Cristo. Segundo ele, o universo está dividido em pares de contrários: a luz/a escuridão; o grosso/o fino; o quente/o frio; o ser/o não ser. Ele considerava que um dos polos da contradição é positivo (o claro, o quente, o fino, o ser), o outro, negativo. Essa divisão em

polos positivo e negativo pode nos parecer de uma facilidade pueril. Exceto em um dos casos: o que é positivo, o peso ou a leveza?

Parmênides respondia: o leve é positivo, o pesado é negativo. Teria ou não teria razão? A questão é essa. Só uma coisa é certa. A contradição pesado/leve é a mais misteriosa e a mais ambígua de todas as contradições.

### 3

Há muitos anos penso em Tomas. Mas foi sob a luz dessas reflexões que o vi claramente pela primeira vez. Eu o vi de pé, diante de uma janela de seu apartamento, os olhos fixos na parede do prédio defronte, do outro lado do pátio, sem saber o que fazer.

Conhecera Tereza três semanas antes numa cidadezinha da Boêmia. Não tinham passado nem sequer uma hora juntos. Ela o acompanhara à estação e esperara até o momento de ele subir no trem. Cerca de dez dias depois, veiovê-lo em Praga. Nesse dia mesmo fizeram amor. À noite, ela teve um acesso de febre e passou uma semana inteira com gripe na casa dele.

Ele sentiu então um amor inexplicável por aquela moça que para ele era quase uma desconhecida. Tinha a impressão de que se tratava de uma criança que fora deixada numa cesta e abandonada nas águas de um rio para que ele a recolhesse na margem da sua cama.

Tereza ficou com ele uma semana, depois, já curada, voltou para a cidade onde morava, a duzentos quilômetros de Praga. É aí que se situa o momento a que me referia e em que vejo a chave da vida de Tomas: está de pé à

janela, os olhos fixos na parede defronte, do outro lado do pátio, refletindo:

Devia propor que ela viesse se instalar em Praga? Essa responsabilidade o assustava. Se a convidasse agora, ela viria para junto dele e lhe ofereceria toda a sua vida.

Ou seria melhor desistir? Nesse caso, Tereza continuaria como garçonete num restaurante de uma cidadezinha do interior e ele não a veria nunca mais.

Queria que ela ficasse? Sim ou não?

Fixa, do outro lado do pátio, a parede defronte, e procura uma resposta.

Volta, mais uma vez e sempre, à imagem daquela mulher deitada no divã; ela não lhe lembrava ninguém de sua vida de outros tempos. Não era nem amante nem esposa. Era uma criança que ele retirara de uma cesta e que depositara na margem da sua cama. Ela havia adormecido. Ele se ajoelhou ao seu lado. Sua respiração febril se acelerava e ele ouviu um leve gemido. Encostou o rosto no dela e sussurrou palavras reconfortantes enquanto ela dormia. Alguns instantes depois, sua respiração se acalmou e seu rosto se levantou maquinamente em direção ao dele. Sentiu nos lábios o cheiro um pouco acre da febre e o aspirou como se quisesse se impregnar da intimidade do corpo dela. Imaginou então que fazia muitos anos que ela estava na sua casa e que morria. De repente, pareceu-lhe evidente que não sobreviveria à morte dela. Deitou-se ao seu lado para morrer com ela. Movido por essa visão, enfiou o rosto no travesseiro, junto ao dela, e assim ficou por muito tempo.

Agora, Tomas está de pé à janela e relembra esse instante. O que se revelava assim, senão o amor?

Mas seria amor? Estava convencido de que queria morrer ao lado dela, e esse sentimento era claramente

exagerado: ele a estava vendo então apenas pela segunda vez! Não seria mais a reação histérica de um homem que, compreendendo em seu foro íntimo a inaptidão para o amor, começa a representar para si próprio a comédia do amor? Ao mesmo tempo, seu subconsciente era tão covarde que ele escolhera para sua comédia essa modesta garçonete do interior que praticamente não tinha chance de entrar na vida dele.

Olhava os muros sujos do pátio e compreendia que não sabia se era histeria ou amor.

E, nessa situação em que um verdadeiro homem saberia agir imediatamente, ele se recriminava por hesitar e assim negar ao instante mais belo de sua vida (está de joelhos à cabeceira da moça, convencido de não poder sobreviver à morte dela) qualquer significação.

Torturava-se com recriminações, mas terminou por se persuadir de que no fundo era normal que não soubesse o que queria:

Nunca se pode saber o que se deve querer, pois só se tem uma vida e não se pode nem compará-la com as vidas anteriores nem corrigi-la nas vidas posteriores.

Seria melhor ficar com Tereza ou continuar sozinho?

Não existe meio de verificar qual é a decisão acertada, pois não existe termo de comparação. Tudo é vivido pela primeira vez e sem preparação. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. Mas o que pode valer a vida, se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida? É isso que leva a vida a parecer sempre um esboço. No entanto, mesmo *esboço* não é a palavra certa, pois um esboço é sempre o projeto de alguma coisa, a preparação de um quadro, ao passo que o esboço que é a nossa vida não é o esboço de nada, é um esboço sem quadro.

Tomas repete para si mesmo o provérbio alemão: *einmal ist keinmal*, uma vez não conta, uma vez é nunca. Poder viver apenas uma vida é como não viver nunca.

## 4

Mas um dia, numa pausa entre duas cirurgias, uma enfermeira o avisou de que o chamavam ao telefone. Escutou a voz de Tereza no aparelho. Estava telefonando da estação. Ele ficou contente. Infelizmente, tinha um compromisso naquela noite, e só a convidou para ir à casa dele no dia seguinte. Depois de desligar, lamentou não lhe ter dito que viesse logo. Ainda havia tempo de desmarcar o compromisso! Tentava imaginar o que Tereza faria em Praga durante aquelas longas trinta e seis horas que faltavam para o encontro deles e teve vontade de pegar o carro e sair à sua procura pelas ruas da cidade.

Ela chegou na noite do dia seguinte. Usava uma bolsa a tiracolo com uma alça comprida, ele a achou mais elegante do que na última vez. Trazia um livro grosso na mão: *Anna Kariénina* de Tolstói. Tinha manequins jo-viais, até mesmo um pouco ruidosas, e se esforçava para lhe mostrar que estava passando inteiramente por acaso, graças a uma circunstância especial: fora a Praga por motivos profissionais, talvez (suas palavras eram muito vagas) em busca de um novo emprego.

Em seguida, viram-se deitados lado a lado no divã, nus e exaustos. Já era noite. Ele perguntou onde ela estava hospedada, ofereceu-se para levá-la de carro. Ela respondeu, embarracada, que iria procurar um hotel e que tinha deixado a mala no guarda-volumes da estação.

Na véspera, ele temera que ela lhe oferecesse toda a sua vida se a convidasse para vir para a casa dele em Praga. Agora, ao ouvi-la contar que sua mala estava no guarda-volumes da estação, disse consigo mesmo que ela havia posto a vida naquela mala e a guardara na estação antes de oferecê-la a ele.

Entrou com ela no carro, estacionou diante do prédio, foi à estação, retirou a mala (era grande e infinitamente pesada) e a levou junto com Tereza para sua casa.

Como é que ele se decidira tão depressa, quando tinha hesitado durante quase quinze dias, sem lhe mandar nem mesmo um cartão-postal?

Ele próprio estava surpreso. Agia contra seus princípios. Dez anos antes, quando se divorciara da primeira mulher, viveu o divórcio numa atmosfera de alegria, como outros comemoraram o casamento. Compreendeu então que não nascera para viver ao lado de uma mulher, fosse quem fosse, e que só poderia ser um celibatário. Esforçava-se, portanto, cuidadosamente para organizar seu sistema de vida de maneira tal que nenhuma mulher jamais viesse se instalar com uma mala na casa dele. Por isso, só tinha um divã. Ainda que o divã fosse largo, ele dizia às companheiras que era incapaz de adormecer com alguém na mesma cama e as levava sempre de volta para casa depois da meia-noite. Aliás, a primeira vez que Tereza ficou na sua casa com gripe, ele não dormiu com ela. Passou a primeira noite numa poltrona grande, e nas outras noites foi para o hospital; ali, em seu consultório, havia uma espreguiçadeira que utilizava nos plantões noturnos.

No entanto, dessa vez, adormeceu ao lado dela. De manhã, ao acordar, percebeu que Tereza, que ainda dormia, segurava sua mão. Teriam ficado de mãos dadas a noite inteira? Era difícil acreditar.

Ela respirava profundamente enquanto dormia, segurava sua mão (com força, ele não conseguia se desvencilhar do aperto) e a mala pesadíssima estava ao lado da cama.

Ele não ousava retirar a mão por medo de acordá-la, e se virou com muito cuidado para poder observá-la melhor.

Mais uma vez, ocorreu-lhe que Tereza era uma criança colocada numa cesta e abandonada ao sabor da corrente. Como deixar derivar pelas águas turbulentas de um rio a cesta que abriga uma criança? Se a filha do faraó não tivesse retirado das águas a cesta do pequeno Moisés, não teria havido o Velho Testamento e toda a nossa civilização! No começo de tantos mitos antigos, existe sempre alguém que salva uma criança abandonada. Se Pólibo não tivesse recolhido o pequeno Édipo, Sófocles não teria escrito sua mais bela tragédia!

Tomas não sabia então que as metáforas são uma coisa perigosa. Não se brinca com as metáforas. O amor pode nascer de uma simples metáfora.

## 5

Tomas vivera apenas dois anos com a primeira mulher e tivera um filho com ela. No julgamento do divórcio, o juiz confiou à mãe a guarda do filho, condenando Tomas a lhes pagar um terço de seu salário. Concedeu-lhe também o direito de ver o filho duas vezes por mês.

Mas cada vez que Tomas deveria irvê-lo, a mãe desmarcava o encontro. Se lhes houvesse dado presentes sumptuosos, com certeza poderia tê-lo visto mais facilmente. Compreendeu que devia pagar à mãe pelo amor

do filho, e pagar antecipadamente. Ele se imaginava mais tarde querendo inculcar na cabeça do filho suas ideias, as quais eram diametralmente opostas às da mãe. Só de pensar nisso, já se sentia cansado. Um domingo em que a mãe mais uma vez o impediu no último minuto de sair com o filho, ele decidiu que nunca mais o veria.

Afinal, por que se prenderia a essa criança mais do que a qualquer outra? Não estavam ligados por nada, a não ser por uma noite imprudente. Depositaria escrupulosamente o dinheiro, mas que não viessem exigir dele que, em nome de vagos sentimentos paternos, brigasse por seus direitos de pai!

É óbvio que ninguém estava preparado para aceitar semelhante raciocínio. Os próprios pais de Tomas o reprovaram e declararam que, se ele se recusava a se interessar pelo seu filho, eles também parariam de se interessar pelo deles. Continuavam, assim, a manter com a nora relações de uma cordialidade ostensiva, gabando-se aos amigos de sua atitude exemplar e de seu senso de justiça.

Em pouco tempo conseguiu, portanto, se livrar de uma esposa, de um filho, de uma mãe e de um pai. Só lhe restava de herança o medo das mulheres. Ele as desejava, mas tinha medo delas. Entre o medo e o desejo, era preciso encontrar um acordo; era o que ele chamava de “amizade erótica”. Afirmava a suas amantes: só uma relação isenta de sentimentalismo, em que nenhum dos parceiros se arrogue direitos sobre a vida e a liberdade do outro, pode trazer felicidade para ambos.

Para ter certeza de que a amizade erótica jamais cede à agressividade do amor, só se encontrava com as amantes permanentes após longos intervalos. Achava esse método perfeito e o elogiava aos amigos: “É preciso observar a regra de três. Pode-se ver a mesma mulher a

intervalos bem próximos, mas nunca mais de três vezes. Ou então pode-se vê-la durante longos anos, mas com a condição de deixar passar pelo menos três semanas entre cada encontro”.

Esse sistema dava a Tomas a possibilidade de não romper com as amantes permanentes e de ter ao mesmo tempo muitas amantes efêmeras. Nem sempre era compreendido. De todas as suas amigas, era Sabina quem o comprehendia melhor. Ela era pintora. Dizia: “Gosto muito de você, porque você é o contrário do kitsch. No reino do kitsch, você seria um monstro. Não existe roteiro de filme americano ou russo em que você pudesse ser algo além de um caso repugnante”.

Foi, portanto, a Sabina que ele pediu que o ajudasse a encontrar trabalho para Tereza em Praga. Como exigiam as regras não escritas da amizade erótica, ela prometeu fazer o possível e, efetivamente, não demorou a arranjar um emprego para a moça no laboratório fotográfico de uma revista. O cargo não exigia qualificação específica, mas elevou o status de Tereza, que deixava de ser garçonete para trabalhar na imprensa. Sabina foi pessoalmente apresentá-la à redação, e Tomas disse consigo mesmo que nunca tivera melhor amiga.

## 6

A convenção não escrita da amizade erótica implicava que o amor fosse excluído da vida de Tomas. Se ele desrespeitasse essa condição, suas outras amantes se sentiriam imediatamente numa posição inferior e se revoltariam.

Sublocou, portanto, um estúdio para Tereza e sua

pesada mala. Queria cuidar dela, protegê-la, alegrar-se com sua presença, mas não via necessidade alguma de mudar o próprio modo de vida. Assim, não queria que soubessem que ela dormia na casa dele. O sono compartilhado era o corpo de delito do amor.

Com as outras mulheres, ele nunca dormia. Quando iavê-las em casa, era fácil, podia ir embora quando quisesse. Era mais delicado quando elas vinham à casa dele e ele tinha que lhes explicar que as levaria de volta depois da meia-noite pois sofria de insônia e não conseguia dormir com outra pessoa. Não estava longe da verdade, mas a razão principal era pior e não ousava confessá-la às companheiras: no instante que se seguia ao amor, sentia um desejo irresistível de ficar só. Achava desagradável acordar em plena noite ao lado de um ser estranho; repugnava-lhe o despertar matinal do casal; não tinha vontade de ser ouvido escovando os dentes no banheiro, nem o atraía a intimidade de um café da manhã a dois.

Por isso ficou tão surpreso quando, ao acordar, viu que Tereza segurava firmemente sua mão! Olhou para ela e custou a compreender o que estava acontecendo. Evocou as horas que tinham se passado e acreditou respirar o perfume de uma felicidade desconhecida.

Desde então, ambos se alegravam de antemão com o sono compartilhado. Eu diria mesmo que, para eles, o objetivo do ato sexual não era o prazer, mas o sono que lhe sucedia. Ela, sobretudo, não podia dormir sem ele. Se por acaso ficava sozinha em seu estúdio (o qual se tornava cada vez mais apenas um álibi), não conseguia pregar olho a noite toda. Nos braços dele, mesmo no auge da agitação, sempre se acalmava. Ele contava a meia-voz histórias que inventava para ela, bobagens, palavras tranquilizadoras ou engraçadas que repetia num tom monótono. Na cabe-

ça de Tereza, essas palavras se transformavam em visões confusas que a conduziam ao primeiro sonho. Tomas tinha pleno poder sobre o sono da moça, que adormecia no momento que ele havia escolhido.

Quando dormiam, ela o segurava como na primeira noite: apertava-lhe firmemente o pulso, um dos dedos, ou o tornozelo. Quando Tomas queria se afastar sem acordá-la, tinha que usar de astúcia. Livrava o dedo (o pulso, o tornozelo) do seu aperto, o que sempre a despertava um pouco, pois ela o vigiava atentamente, mesmo dormindo. Para acalmá-la, punha-lhe na mão, no lugar de seu pulso, um objeto qualquer (um pijama enrolado, um chinelo, um livro) que ela em seguida apertava energeticamente como se fosse uma parte de seu corpo.

Um dia em que acabara de fazê-la dormir e portanto ela estava na antecâmara do primeiro sono, de onde ainda podia responder às suas perguntas, ele lhe disse: “Bem! Agora, vou indo”. “Para onde?”, perguntou ela. “Vou sair”, disse ele com voz severa. “Vou com você”, disse ela levantando-se da cama. “Não, não quero. Vou para sempre”, disse ele, saindo do quarto. Ela se levantou e o seguiu até a entrada, piscando. Estava de camisola curta, sem nada por baixo. Seu rosto permanecia imóvel, sem expressão, mas os movimentos eram enérgicos. Da entrada, ele passou para o corredor (o corredor comum do edifício) e fechou a porta na frente dela. Tereza a abriu com um gesto brusco e o seguiu, convencida no seu estado de sonolência de que ele queria partir para sempre e ela devia retê-lo. Ele desceu um andar, parou no patamar e ficou esperando por ela. Tereza foi ter com ele, segurou-o pela mão e o trouxe para junto de si, na cama.

Tomas dizia consigo mesmo: deitar-se com uma mulher e dormir com ela, eis duas paixões não apenas dife-

rentes mas quase contraditórias. O amor não se manifesta pelo desejo de fazer amor (esse desejo se aplica a uma multidão inumerável de mulheres), mas pelo desejo do sono compartilhado (esse desejo diz respeito a uma só mulher).

No meio da noite, ela começou a gemer enquanto dormia. Tomas a acordou, mas ao ver seu rosto ela disse com raiva: “Vá embora! Vá embora!”. Depois ela lhe contou o sonho: estavam em algum lugar com Sabina. Num quarto enorme. No meio dele havia uma cama, parecia o palco de um teatro. Tomas lhe ordenou que ficasse num canto enquanto fazia amor com Sabina. Ela olhava, e esse espetáculo lhe causava um sofrimento insuportável. Para sufocar a dor da alma com uma dor física, enfiou agulhas sob as unhas. “Senti uma dor atroz”, disse ela, apertando os pulsos como se suas mãos tivessem sido realmente machucadas.

Ele a estreitou contra si e lentamente (ela não parava de tremer) ela adormeceu em seus braços.

No dia seguinte, pensando nesse sonho, ele se lembrou de uma coisa. Abriu a escrivaninha e tirou um pacote de cartas de Sabina. Um instante depois, deu com este trecho: “Gostaria de fazer amor com você no meu ateliê como se fosse no palco de um teatro. Haveria pessoas em torno e elas não teriam o direito de se aproximar. Mas não poderiam tirar os olhos de cima de nós...”.

O pior era que a carta tinha data. Era uma carta recente, escrita numa época em que Tereza já morava com Tomas fazia muito tempo.

Censurou-a: “Você mexeu nas minhas cartas!”.

Sem tentar negar, ela disse: “Mande-me embora então!”.

Mas ele não mandou. Ele a via, ali, enfiando agulhas sob as unhas, encostada na parede do ateliê de Sabina. Pegou seus dedos, acariciou-os, levou-os aos lábios e os beijou como se neles houvesse vestígios de sangue.

Mas, a partir desse momento, tudo pareceu conspirar contra ele. Não se passava praticamente nenhum dia sem que ela descobrisse alguma coisa nova sobre suas aventuras clandestinas.

Primeiro, negava tudo. Quando as provas eram muito evidentes, tentava demonstrar que não havia nenhuma contradição entre sua vida polígama e seu amor por Tereza. Não era coerente: ora negava suas infidelidades, ora as justificava.

Um dia, telefonou a uma amiga para marcar um encontro. Quando desligou, ouviu um barulho estranho no quarto vizinho, como o de dentes tiritando.

Ela viera a sua casa por acaso e ele não sabia. Tinha um frasco de calmante na mão, bebia no gargalo e, como sua mão tremia, o vidro do frasco batia em seus dentes.

Lançou-se sobre ela como para salvá-la de um afogamento. O frasco de valeriana caiu fazendo uma grande mancha no tapete. Ela se debatia, querendo escapar, e ele a segurou durante quinze minutos como numa camisa de força, até que se acalmasse.

Ele sabia que se encontrava numa situação injustificável, já que fundada sobre uma desigualdade total:

Muito antes que ela descobrisse sua correspondência com Sabina, tinham ido juntos a um cabaré com alguns amigos. Comemoravam o novo emprego de Tereza. Ela havia deixado o laboratório de fotografia e se tornara fotógrafa da revista. Como ele não gostava de dançar, um

de seus jovens colegas do hospital se encarregou de Tereza. Eles evoluíam magnificamente pela pista e Tereza parecia mais linda do que nunca. Ele estava estupefato de ver com que precisão e docilidade ela se antecipava uma fração de segundo à vontade de seu par. Essa dança parecia proclamar que sua dedicação, seu desejo ardente de satisfazer o que lia nos olhos de Tomas, não estavam necessariamente ligados à pessoa de Tomas, mas estavam prontos para responder ao apelo de qualquer homem que encontrasse em seu lugar. Não havia nada mais fácil do que imaginar Tereza e esse jovem colega como amantes. Era inclusive essa facilidade com que podia imaginá-los assim que o magoava. O corpo de Tereza era perfeitamente pensável num abraço amoroso com qualquer corpo masculino, e essa ideia o deixava de mau humor. Tarde da noite, quando voltaram, ele lhe revelou que estava com ciúme.

Esse ciúme absurdo, nascido de uma possibilidade de todo teórica, era a prova de que ele considerava a fidelidade dela uma condição sine qua non. Mas, então, como poderia ter raiva dela por causa do ciúme que ela sentia de suas amantes mais do que reais?

Durante o dia ela se esforçava (mas sem realmente conseguir) para acreditar no que Tomas dizia e para ficar alegre como sempre estivera até então. Mas o ciúme, domado durante o dia, manifestava-se ainda mais violentamente nos sonhos, que terminavam sempre por um gemido que ele não podia interromper sem acordá-la.

Os sonhos se repetiam como temas com variações ou como episódios de uma novela de televisão. Um so-